

Pedro Eduardo Ribeiro

Universidade do Minho (CECS)
Portugal

Stella Immanuel MD and the administration of hydroxychloroquine: discourses produced by a journalistic medium and an alternative medium of information?

A médica Stella Immanuel e a administração de hidroxicloroquina: que discursos produzem um meio jornalístico e um meio alternativo de informação?¹

The video of the medical doctor Stella Immanuel, who claims to have found a potential cure for the COVID-19 disease in some studies using hydroxychloroquine, has caught the attention of many for its polemic statements. This article offers a comparison between two different approaches that two informative platforms display: one of them is a journalistic platform – *Observador* –, whereas the other is a non-journalistic platform – *Notícias Viriato* – that can be classified as an alternative platform. The main goal of this work was analysing what is conveyed by the discourse related to each article, once both constitute transmission means of information, using the Critical Discourse Analysis. The conclusions reveal that each article conveys a distinctive discourse in what comes to the use of hydroxychloroquine and the perception of the shared video on Instagram by influential people, who saw it removed shortly after.

¹ Este trabalho contou o apoio de uma Bolsa de Investigação para Estudantes de Doutoramento [BI_Doutoramento/FCT/CECS/2021 (UI/BD/151164/2021)], da Fundação para a Ciência e Tecnologia, ao abrigo do Protocolo de Colaboração para Financiamento do Plano Plurianual de Bolsas de Investigação para Estudantes de Doutoramento, celebrado entre a FCT e a Unidade de I&D CECS (UID 00736).

O vídeo de uma médica de nome Stella Immanuel que diz ter encontrado em estudos com a hidroxicloroquina uma potencial cura para a doença COVID-19 gerou alguma polémica. O presente artigo compara duas abordagens diferentes ao nível de duas plataformas informativas, sendo uma jornalística – *Observador* – e outra não jornalística – *Notícias Viriato* –, que se pode inserir na classificação de plataforma alternativa. O objetivo foi analisar o que veicula o discurso associado a cada artigo, enquanto meios transmissores de informação, recorrendo à análise do discurso. As conclusões demonstram que cada artigo veicula um discurso diferente em torno da hidroxicloroquina e da perceção do vídeo partilhado por figuras influentes na rede social Instagram, as quais o viram removido pouco tempo depois.

Keywords

COVID-19, journalism, alternative platforms, discourse, Critical Discourse Analysis

Palavras-chave

COVID-19, jornalismo, plataformas alternativas, discurso, Análise Crítica do Discurso

Como vários campos da sociedade afetados pela pandemia do Coronavírus, esta também afetou o campo dos média e das tecnologias. O secretário-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) veio falar num fenómeno que apelidou de “infodemia”¹, numa alusão à desinformação e ao crime *online* (The United Nations Department of Global Communications, 2020). No panorama informativo, têm vindo a emergir, sobretudo na última década, meios que pretendem ser uma alternativa e uma crítica àqueles que produzem conteúdos sob a lente do jornalismo. Assiste-se, de modo especial, a uma tendência crescente de promoção dos conteúdos respetivos nas redes sociais digitais (Ferrucci, 2018; Holt et al., 2019; Welbers & Opgenhaffen, 2019). Como forma de se perceber mais sobre a produção destes mesmos discursos, decidi-se analisar dois artigos de duas plataformas diferentes. O presente trabalho procura perceber como as plataformas de informação, jornalística ou não, tentam comunicar o que produzem, bem como os discursos que se lhes podem associar. Com efeito, de início, revela-se pertinente aprofundar alguns conceitos, como os de rede, informação, comunicação e discurso.

Redes sociais, informação, comunicação e discurso

De acordo com Silva (2000), “a informação é o conteúdo da mensagem” (p. 701), sendo esta diferente do conceito de dados e representando “o material bruto para o pensamento, a tomada de decisões (...) e todas as atividades especificamente humanas que se referem ao nosso próprio funcionamento psicológico e ao comportamento das pessoas” (Thayer, 1979, p. 46). Toda e qualquer rede social lida com informação, representando esta última o objeto de conexão da anterior (Castells, 2000), logo, a essência de qualquer rede está, portanto, nas suas ligações (Vermelho et al., 2015). Todo e qualquer ato de comunicação implica o desenvolvimento de mensagens, levadas em consideração pelas pessoas receptoras sobre o que percebem ser a intenção de quem as origina (Thayer, 1979). Deste modo, qualquer rede social, física ou digital, implica a existência de conexões desenvolvidas por pessoas que comunicam entre si, pois transmitem informações que naturalmente se traduzem em mensagens no momento de receção, por via da significação atribuída.

No caso da rede social Facebook, que é exposta posteriormente no estudo presente neste trabalho, há várias ferramentas que se podem destacar. Recuero (2014) destaca três, que fazem parte do seu estudo: o de ‘curtir’ ou ‘gostar’, que serve de legitimação da informação publicada, o de ‘compartilhar’, que serve de apoio de uma mensagem de uma publicação, e o de ‘comentar’, que serve de participar mais visivelmente no debate de uma dada publicação. Argumentando que as pessoas utilizadoras do Facebook começaram a partilhar cada vez mais notícias nos seus perfis, Oerdolf-Hirsch e Sundar (2015) apontam para o impacto dos comentários e o valor que lhes é atribuído e a relevância dos mesmos no interesse e envolvimento da pessoa no que a notícia descreve.

Se cada vez mais pessoas podem criar, partilhar e interagir, isto leva a uma necessidade de se estudar as potencialidades na divulgação e propagação de informação, até porque esses atos nos contextos digitais podem ser reveladores da adoção de um determinado discurso, bem como da sua expansão. Van Dijk (1988) define o discurso enquanto o resultado da comunicação em contexto, ou seja, por meio da receção, produção e assimilação, as mensagens vão estar situadas num determinado contexto, por exemplo, entre outros, espacial, temporal, social, cultural e histórico. Outra obra (van Dijk, 2005), o mesmo teórico menciona ainda as estruturas do discurso enquanto capacitadoras de uma ideologização. O autor explica que tal ocorre apenas de modo indireto, graças à “sua ‘instanciação’, em modelos concretos e que constituem a base mental de natureza única e situada de cada ocasião de texto e fala” (p. 133). Neste seguimento, lembrando que o discurso é “um evento comunicativo complexo” (van Dijk, 1988, p. 2), convém denotar que “uma parte substancial da comunicação humana se realiza na e pela linguagem” (Alves, 2008, pp. 1146-1147). De acordo com Santaella (2007), uma das matrizes lógicas, além da sonora e da visual, que gera toda e qualquer forma de linguagem e todo e qualquer processo de comunicação é a verbal. Importa referir isto de modo a conceber a linguagem como o resultado de “processos de combinações e misturas” (p. 76). Assim, como demonstra Pinto-Coelho (2008), uma palavra ganha um dado significado, num dado contexto cultural, a que se associa um ou vários discursos. Um dos objetivos com isso é “o agenciamento interativo do usuário” (Santaella, 2007, p. 85). Sendo a linguagem canalizadora de qualquer estrutura discursiva, o discurso é a comunicação além do texto isolado, pelo que importa explorar o jornalismo e outros meios não jornalísticos de informação.

O alternativo em oposição ao jornalisticamente instituído

A Internet veio transformar a forma como a informação é encarada de forma geral, como tal, também do ponto de vista jornalístico. Nas últimas duas décadas, a academia tem prestado atenção redobrada à ascensão de plataformas alternativas de notícias (Holt et al., 2019), as quais podem ser apontadas como representantes de “um corretivo proclamado e/ou (auto)percecionado, que opõe a tendência genérica de discurso público emanada daquilo que é percecionado como o dominante nos média tradicionais num determinado sistema” (p. 863).

Os designados meios alternativos ‘antissistema’ (Holt, 2018) têm vindo a demarcar-se como meios jornalísticos, mesmo que com as suas próprias condições, em jeito de oposição. A ascensão de conteúdo opositivo às perspetivas mais heteronormativas, de acordo com Fuchs (2010), utilizando a sua designação, reflete nos ‘média críticos’ “o poder do capital, patriarcado, racismo, sexismo, nacionalismo, etc.” (p. 179). Retendo a definição do parágrafo anterior, Heft et al. (2019) classificam o meio *Breitbart* como uma das plataformas que tem vindo a surgir, cujas comunidades que em torna destas se desenvolvem “podem desencadear uma maior polarização e radicalização mais alargadas de perspetivas políticas dentro e através de esferas públicas nacionais e transacionais” (p. 21). Apesar de não serem padronizados como populistas, de acordo mesmos autores, os média mais alternativos e hiperpartidá-

¹ Este termo resulta de uma tradução livre sobre o termo ‘infodemic’.

rios² acabam por acompanhar o surgimento de movimentos, partidos e governos marcadamente populistas, mais de direita e menos de esquerda. Segundo Manucci (2017), as palavras ‘populista’ e ‘populismo’ são da mesma família de palavras, remetendo a última para a distinção entre o povo e uma elite corrupta e o foco na vontade do povo.

No caso do debate em torno da Saúde, Sousa et al. (2020) dão conta de níveis de desinformação consideráveis, apontando que a desinformação de cariz sanitário já vem mesmo antes da pandemia da COVID-19. A mesma autoria entende inclusive que a desinformação põe em causa o jornalismo, enquanto pilar de qualquer democracia. As notícias são e produzem discursos (van Dijk, 1988) e, como tal, tanto aquelas que são submetidas a uma maior verificação jornalística como aquelas que são submetidas a uma menor verificação jornalística, ou até nula, produzem discursos. Pode refletir-se sobre a força da contaminação do universo noticioso com as seguintes palavras de Sousa et al. (2020):

(...) notícias falsas unem-se a informações superficiais, descontextualizadas ou apelativas para explorar as audiências suscetíveis, ajudando a viralizá-las entre os seus contactos em redes sociais e, com isso, ampliando o grupo que também ele fundamenta as suas decisões em informações incorretas e prejudiciais. (p. 10)

Com isto, entende-se que há uma necessidade de se atentar, por um lado, na informação não jornalística que existe, mas, por outro lado, atentar na informação jornalística que existe, tendo em conta inclusive que a profissão de jornalista tem estado associada a uma “precariedade” (p. 6), sem descurar que, ainda assim, qualquer jornalista medeia e interpreta a realidade. Além disso, aqueles autores colocam uma questão, que procuram ver respondida e que, de certa forma, este trabalho procurou mostrar com a análise levada a cabo: “(...) o que diferencia a informação gerada pelo jornalismo da dos demais mediadores sociais de informação, como influenciadores e publicadores independentes?” (p. 27). Estudar o discurso é, por conseguinte, estudar os vários elementos que dentro e fora de si assumem uma relevância do ponto de vista representativo (Pinto-Coelho, 2008; van Dijk, 2005). Os contextos editoriais assumem, portanto, um peso a ter em conta.

A plataforma *Observador* e a plataforma *Notícias Viriato*

Em termos comparativos, utilizando os termos da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), os meios em análise correspondem a “publicações periódicas” de “informação geral”³. Sob as terminologias adotadas pela mesma entidade, a plataforma *Observador* é uma “empresa jornalística”. No que toca ao seu estatuto editorial, refere o sítio respetivo cibernético que se trata de “um

jornal diário online, independente e livre”⁴. Eleito o melhor jornal generalista pela *Meios & Publicidade* em 2018 e 2019, é um meio jornalístico presente no digital, na rádio e com algumas edições especiais em papel, ainda que sobretudo dedicado ao primeiro campo, propriedade da Observador On Time, S.A.

Já a plataforma *Notícias Viriato* recebe a designação de “publicação periódica”⁵. No seu estatuto editorial, descreve-se “um Jornal Diário Online” e que “cumpre o Código Deontológico do Jornalista e respeita a Boa-fé dos leitores”⁶. Uma aceção de ‘jornal’ diferente, ainda que clarificada pelo estatuto editorial, no sentido de que a redação dos conteúdos é feita por profissionais não pertencentes à área do jornalismo. O artigo 15º da Lei da Imprensa menciona que qualquer “publicação periódica” deve representar uma “página predominantemente preenchida com materiais informativos”⁷.

É com base nesta diferenciação, ‘publicação periódica’ jornalística e não jornalística, que se faz a análise que consta no estudo do presente artigo. Em seguida, fazem-se alguns apontamentos metodológicos em relação à mesma.

Apontamentos metodológicos

O caso de estudo incidirá sobre a abordagem da retirada de um vídeo de um grupo de médicos, pela voz de Stella Immanuel, que anuncia a hidroxycloquina por duas plataformas de informação diferentes, uma jornalística (Lopes, 2020) e outra não jornalística (Abreu, 2020a), como diferenciadas na secção antecedente. Após um esforço de explicitação concetual que se entendeu relevante para uma clarificação dos termos e perspetivas apresentadas e que procuram coadunar-se com o procedimento analítico que se segue, o presente trabalho recorreu à Análise Crítica do Discurso (ACD), que consiste:

(...) [n]um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político. (van Dijk, 2005, p. 19)

Deste postulado depreende-se, resumidamente, que o seu objetivo é ir além do conteúdo do objeto em estudo. Levando em conta que não existe um direcionamento teórico na ACD, também não existe um “quadro teórico unitário” (p. 21), pelo que se procura adotar um plano aplicado ao campo dos média, mais propriamente no contexto da imprensa física. O escolhido foi o de Pinto-Coelho (2008), que ajuda a sintetizar os focos principais

² Este termo resulta de uma tradução livre do original, em inglês, ‘hyper-partisan’.

³ Esta classificação encontra-se em: <https://www.erc.pt/pt/listagem-registos-na-erc>

⁴ O Estatuto Editorial do *Observador* está disponível em: <https://observador.pt/estatuto-editorial/>

⁵ Esta classificação encontra-se em: <https://www.erc.pt/pt/listagem-registos-na-erc>

⁶ O Estatuto Editorial do *Notícias Viriato* pode ser lido em: <https://noticiasviriato.pt/estatuto-editorial-e-ficha-tecnica/>

⁷ A presente informação consta do seguinte sítio: http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=138&tabela=leis&so_miolo=

do mesmo processo analítico: os textos – o seu conteúdo e mensagens percebidas, o seu estilo – modo de escrita e papéis atribuídos –, o “não dito” – o que se sugere pelo discurso – e as fontes – quem se cita e como. Sinteticamente, este quadro procura garantir um foco em três grandes pontos: o acontecimento e o que se diz sobre ele, a distribuição estrutural dos elementos no artigo e como se escreve sobre o acontecimento.

Como os contextos são importantes, a secção posterior a esta traça também algumas linhas de compreensão do que foi escrito além dos artigos em si, bem como o impacto da sua partilha nas páginas respetivas da rede social Facebook. A escolha desta rede social prende-se ora pelas funções e o potencial de validação de discursos (Recuero, 2014) ora pelo crescimento da sua popularidade, contando a mesma rede com quase três mil milhões de pessoas utilizadoras a nível mundial (We Are Social, 2021). Por Portugal, a mesma rede social conta com mais de 8,5 milhões⁸ e a tendência de partilha de artigos nas redes sociais em geral tem sido crescente (Ferrucci, 2018; Holt et al., 2019; Welbers & Opgenhaffen, 2019). Com estas explicações, prossiga-se para a concretização do estudo, começando no seu âmbito interno, para depois se seguir para o seu âmbito externo.

Análise dos artigos na página respetiva

Na presente secção, será exposto o procedimento analítico sobre os artigos intitulados de *Depois de Trump, Madonna: Instagram censura post da cantora por divulgar “informações falsas” sobre a Covid-19* (Lopes, 2020) e *Grandes Corporações Tecnológicas Censuram Vídeo de Médicos da Linha da Frente no Combate à Covid-19* (Abreu, 2020a). Nesta secção, ainda que ligando a elementos externos, o seu âmbito será interno à página.

Adotando a classificação proposta por Fontecuberta (2003) os dois artigos seguem a estrutura de uma “notícia simples”. Ambos são compostos pelo «lead» e pelo *corpo*, que contém o “material explicativo (elaboração da ideia A)”, “material secundário (subtemas b, c, d, e...)”, “informação contextual (*background*)” e “mais elaboração da ideia A” (Mencher, 1983, p. 201, citado em Fontecuberta, 2003, p. 62). Embora o evento reportado acabe por ser o mesmo, o foco é diferente, mas respondem ambos aos dois grandes pontos – o «lead» e o *corpo* –, conseguindo convocar novos temas, introduzir dados contextuais e elaborar sobre vários temas. Sem esquecer que o foco é no discurso, enquanto conjunto de elementos que faz resultar uma dada mensagem, e que a parte estilística, portanto, tem um lugar considerável, esta permite “descrever as variáveis de diferentes tipos de discurso, bem como tem em conta a relação entre essas variáveis e os contextos pessoais e sociais do uso da linguagem” (van Dijk, 1988, p. 10).

Começando pelo título, o artigo da plataforma *Observador* garante um foco diferente do artigo da plataforma *Notícias Viriato*. O título, enquanto montra de qualquer artigo, traz a lógica da mercantilização dos média, uma vez que procura captar a atenção de quem o lê, fazendo ou não com a

pessoa leitora se mantenha mais tempo na página respetiva (Bueno & Reino, 2020). O primeiro artigo coloca a tónica na ação da cantora *pop* Madonna e da rede social Instagram que o apagou, ao passo que o segundo coloca a tónica na remoção do vídeo e numa censura de um conteúdo partilhado por médicos. Revela-se, desde logo, pertinente, olhar para o título de um e de outro, que podem captar mais ou menos a atenção do leitor ou da leitora, seguindo a lógica de Bueno e Reino (2020). Denota-se a imparcialidade do primeiro, que coloca Trump e Madonna como agentes no mesmo sentido, da partilha do vídeo, uma vez que a cantora chegou a proferir declarações contra o mesmo dirigente norte-americano (Savage, 2020). Convém lembrar que ambas as figuras têm um destaque social considerável: Madonna é uma cantora com mais de 40 anos de carreira, considerada a “rainha da pop” pela imprensa⁹, e Donald Trump, além de empresário reconhecido¹⁰, foi o anterior presidente dos Estados Unidos da América, país com mais de 330 milhões de habitantes¹¹. Regressando aos títulos em si, a expressão “informações falsas” está citada, pelo que não é da autoria do jornalista que escreveu o artigo, porém, remete para uma ideia de contributo para a desinformação, ou seja, para a informação deliberadamente produzida falsamente com vista a atingir objetivos deturpadores (Fallis, 2015). Já no segundo artigo, denota-se um sentido de culpabilização das empresas por detrás das redes sociais pela retirada de conteúdo apresentado por médicos, que procederam a critérios de cientificidade para o apresentar. O sentido de culpabilização em causa está no uso das expressões “Grandes Corporações Tecnológicas” e “censuram”. É pertinente esclarecer que este artigo pertence à secção ‘Censura’, que o sítio *Notícias Viriato* apresenta, e incluindo esta vários episódios que a equipa redatorial da plataforma considera como “censura”. Um dos traços identificados por Heft et al. (2019) como típicos de sítios alternativos de informação é exatamente o afirmar-se como “livre de censura/dedicado à liberdade de imprensa” (p. 29), ou seja, entendem que têm, assim, liberdade para construírem informação da forma que pretendam, no sentido de não terem que seguir os contornos jornalísticos. Entende-se que, deste modo, o título, como começo de um percurso de leitura do artigo, pode fazer com que se comuniquem diferentes mensagens, destacando diferentes agentes de cada evento, potenciando diferentes motivações de leitura.

Segue-se o *lead*, termo aplicável do mesmo modo a outros artigos que não produzidos em contexto jornalístico (van Dijk, 2005). No caso da plataforma *Observador*, descreve-se que, a seguir a Donald Trump, foi Madonna censurada e, mais uma vez, a questão das “informações falsas” como

⁹ A título de exemplo, eis uma notícia de 2019, do *Diário de Notícias*, que ainda classifica Madonna com esta designação: <https://www.dn.pt/cultura/ive-greice-uma-voz-entre-brasil-portugal-e-cabo-verde-que-encantou-madonna-12719308.html>

¹⁰ Este detalhe encontra-se na nota biográfica do sítio oficial da Casa Branca, residência oficial do presidente: <https://www.whitehouse.gov/people/donald-j-trump/>

¹¹ O portal oficial de estatístico dos EUA contabiliza mais de 330 milhões de habitantes. A informação foi consultada no dia 27 de setembro de 2020 aqui: <https://www.census.gov/topics/population.html>

⁸ Estes dados são retirados do sítio *Statista* e remontam a abril de 2021. Ver mais em: <https://www.statista.com/statistics/1029863/facebook-users-portugal/>

justificação, à semelhança do título. O mesmo artigo inclui antes deste parágrafo um subtítulo, onde se escreve que se propaga uma “teoria da conspiração”, expressão não citada usada pela autoria, sobre a vacina. O emprego da expressão explica que dá conta que já existe uma vacina, só que não divulgada para enriquecer um grupo de pessoas socioeconomicamente mais favorecidas. Estas palavras surgem na sequência do termo ‘desinformação’ já discutido nesta secção. No caso da plataforma *Notícias Viriato*, apontam-se os médicos, com recurso a aspas, “na linha da frente”, afirmando, sem recurso a aspas, que “desmontam versão oficial da elite científica vigente”. Neste parágrafo, pode encontrar-se a expressão “Gigantes das Redes Sociais”, referindo que estes classificaram de “informação falsa”, aqui com aspas, e que procederam à remoção do vídeo. Tanto a expressão “Gigantes das Redes Sociais” como a expressão “Grandes Corporações Tecnológicas” podem assumir aqui um papel de adjetivação das empresas por detrás das redes sociais. Recorrendo inclusive ao exemplo do adjetivo ‘grande’, o portal *Ciberduvidas da Língua Portuguesa*, do ISCTE-IUL, esclarece que a expressão “um grande homem” pode representar “grandeza figurada”, esclarecendo que “por vezes, com determinado tipo de adjetivos, a sua posição interfere com a sua significação”¹². Refira-se ainda que o artigo do sítio *Notícias Viriato* dispõe de um *frame* do vídeo supracitado hiperligado a um sítio onde o mesmo ainda se encontra disponível.

Ao *lead* sucedem-se os ‘acontecimentos principais’ (van Dijk, 2005). O segundo parágrafo do artigo do meio jornalístico *Observador* cita uma notícia do meio também jornalístico *BBC*. Nela lê-se que Madonna “partilhou com os seus 15 milhões de seguidores a teoria de que a vacina para a Covid-19 já tinha sido encontrada, mas estava a ser mantida em segredo para ‘deixar os ricos ficarem mais ricos’”. O desfoque gráfico do vídeo na página Instagram da cantora norte-americana, bem como a sua sinalização como “Informação Falsa”, seguida da nota de verificação prévia por plataformas de *fact-checking*¹³, com o uso de aspas, acabam por se ligar às palavras dos primeiros parágrafos que mencionam em causa “informações falsas” e “teoria da conspiração”, com aspas e sem aspas respetivamente. Indica-se ainda que o mesmo vídeo tinha uma ligação para um sítio virtual de *fact-checking*. Já o segundo parágrafo do meio informativo *Notícias Viriato* dá conta do tempo e espaço, explicando o evento em causa no vídeo – dia 27 de julho, conferência de imprensa, em frente ao Supremo Tribunal de Justiça dos EUA –, descrevendo os médicos como lidando “diariamente com doentes de Covid” e o objetivo de “denunciar a ‘campanha de desinformação’ acerca da pandemia”, em que a responsabilização recai sobre a OMS e os, entre aspas, “ditos especialistas e personalidades da (grande) imprensa”. De novo, uma sinalização de desinformação, mas, ao contrário do outro artigo, este recai sobre as autoridades mundiais de saúde e sobre a imprensa

¹² A presente explicação está disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/colocacao-do-adjectivo-antes-ou-depois-do-substantivo/26245>

¹³ Estas consistem em plataformas de verificação da veracidade de informação. Dois exemplos que podem ser apontados são os projetos *Polígrafo*, do canal televisivo SIC ou a secção do sítio do jornal online *Observador*.

sa seguidora dos moldes tradicionais. Os caminhos que os artigos individualmente apresentam-se como distintos, ainda que focados no mesmo vídeo e na retirada respetiva do espaço cibernético, em perfis também distintos.

Continuando a percorrer os artigos, no terceiro parágrafo de cada um deles, duas figuras recebem diferente destaque nos artigos: o *Observador* destaca a figura de Madonna, ao passo que o *Notícias Viriato* destaca a figura de Stella Immanuel. Neste último, há uma citação da médica como “guerreira”, apontando o seu tratamento de mais 350 pessoas, mencionando que não se registou “uma só fatalidade”. Declara-se ainda as várias substâncias administradas às pessoas e que “neste momento se encontram bem”. No outro caso, fala-se das “críticas dos fãs, que protestaram contra a disseminação de ‘fake news’”, com citações de alguns comentários na publicação da cantora. Com assunção de que o vídeo promovia “informação falsa”, segundo as palavras emitidas pela empresa da rede social Instagram, a plataforma *Observador* garante um realce maior à propagação de “informação falsa”, ao invés de descrever o panorama em torno da administração de, entre outras substâncias, hidroxycloquina e o estado de saúde das pessoas, como o faz a plataforma *Notícias Viriato*. Cada estrutura discursiva pressupõe “escolha e decisão”, sendo que “cada escolha pressupõe crenças, opiniões, atitudes e ideologias” (Fairclough, 1995; Kress, 1990; van Dijk, 1988, 1998, citados em Pinto-Coelho, 2008, p. 1173). Por esta visão, pode deduzir-se que a plataforma *Observador* poderá estar mais inclinada para dar importância à informação do vídeo enquanto sinalizada como “falsa”, ao passo que a plataforma *Notícias Viriato* poderá estar mais inclinada para dar importância à informação do vídeo enquanto potencial curadora da doença COVID-19.

Enquanto a explicação do teor do vídeo no caso do artigo da plataforma *Notícias Viriato* veio logo no segundo parágrafo, a explicação do teor do vídeo no caso do artigo da plataforma *Observador* aparece apenas no quarto. Sem esquecer a questão da escolha das estruturas discursivas e da sua base subjetiva discutida por Pinto-Coelho (2008), bem como a questão da fusão do texto escrito com outras linguagens já apontada, de Santaella (2007), este tipo de procedimentos é feito sob opções próprias da autoria responsável pela redação dos artigos:

Nas edições online o espaço é tendencialmente infinito. Podem fazer-se cortes por razões estilísticas, mas não por questões espaciais. Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimédia organizados em camadas de informação. (Canavilhas, 2006, p. 7)

Como a pessoa utilizadora tende a selecionar o que quer ler, ver ou até ouvir e isso envolve uma série de níveis de atenção (Bueno & Reino, 2020), o *lead* é apontado como aquela parte que atrairá maior atenção da pessoa consumidora (Conde, 2018), fazendo com que possam surgir implicações ao nível de informação que lhe é oferecida. Por esta lógica, no caso do meio jornalístico *Observador*, denota-se que a informação que contextualiza o vídeo não ganha tanto destaque como no caso do meio informativo *Notícias Viriato*, uma vez que foi selecionado previamente o que se queria que recebesse um maior destaque. É indicado pelo artigo da primeira plataforma o nome do grupo

autor do vídeo, os membros do seu grupo em frente à instituição judicial norte-americana já referida pela segunda plataforma e no evento também já referido. A plataforma reforça o excerto do vídeo como tendo sido “partilhado por Madonna” e explica que contém o anúncio do tratamento bem-sucedido enunciado pela médica supracitada. Novamente, a remoção é referida, mas focando-se nas redes sociais Facebook e Twitter e mencionando Donald Trump Jr. como um dos utilizadores que o partilhou e a proibição respetiva de publicação por 12 horas. Tendo em conta estas palavras, um sentido de culpabilização pode atribuir-se a Madonna e a todos os perfis da rede social que efetuaram a devida partilha, diferindo da plataforma *Notícias Viriato*, que sugere uma culpabilização das empresas por detrás das redes sociais. A responsabilização de pessoas pela partilha de conteúdos pode ser entendida como validação de uma mensagem transmitida por esse conteúdo (Recuero, 2014), considerando que a ‘mensagem’ pressupõe a emissão e o levar em consideração da informação recebida (Thayer, 1979).

É feita alusão breve a antecedentes no artigo do meio *Observador*, mais precisamente no parágrafo seguinte. Neste caso, é sobre Madonna, descrita como já tendo estado ligada a “reivindicações controversas sobre o coronavírus”, nomeadamente por ter qualificado, em março de 2020, o vírus como “o grande equalizador”. O mesmo meio escreve que o contexto da proferição destas declarações se deu na casa de banho de casa da cantora, o que pode também indiciar a importância de se entender em que âmbito tal proferição ocorreu, sendo o meio doméstico um meio mais pessoal. Reforce-se aqui a importância do contexto (e. g., Pinto-Coelho, 2008; van Dijk, 1988) e, desta forma, como o contexto de análise das notícias também procura perceber o discurso e os usos de linguagem em contexto quer sociais quer pessoais.

O quarto parágrafo do artigo relativo ao meio *Notícias Viriato* já procede a uma contextualização distinta. Além de explorar a experiência clínica do grupo, procura mostrar qual a base do êxito do medicamento usado no combate “à Covid”. Citando um estudo da editora *The Lancet* e descrevendo a sua eliminação da plataforma respetiva por “erros metodológicos”, o artigo retrata que um dos erros que foram apontados foi a sobredosagem, o que deu “a ideia de que o medicamento tem efeitos tóxicos, quando a única coisa tóxica a reportar seria a sobredosagem do mesmo”. Logo depois, exibe-se uma captura de ecrã com a página do artigo, onde se pode verificar que foi retirado. O caso é apontado como “escândalo”. O grupo de profissionais procurou denunciar “a falta de credibilidade dos estudos contra a hidroxiclороquina”. De modo a contrapor estas declarações com as da autoridade de saúde mundial, em junho, a OMS já tinha alertado para a irrelevância da hidroxiclороquina (WHO, 2020). Acrescente-se que um estudo, publicado no *The New England Journal of Medicine*, feito com um grupo de mais de 500 pacientes a quem lhes foi administrada a substância em causa, conclui com a nulidade de efeitos desta substância, misturada ou não com outras (Cavalcanti et al., 2020). A plataforma *Observador* tem um outro artigo que noticia que foi o autor do estudo que pediu a retirada da publicação do estudo da editora *The Lancet* (*Observador*, 2020), detalhe que a plataforma *Notícias Viriato* não acrescenta ao artigo, apontando antes a possibilidade de se ter tratado de sobredosagem.

O sítio *Observador* dá por terminada a sua extensão do artigo, mas o sítio *Notícias Viriato* dá continuidade com a abordagem sobre o vídeo em si. Este artigo dá conta do alcance que teve o vídeo publicado na sequência de uma transmissão em direto¹⁴ no meio *Breitbart News*, entretanto retirado da rede social Facebook, a que se seguiu a sua retirada tanto do YouTube como do Twitter. Sinaliza-se também a sua disponibilização apenas no BitChute, plataforma “que tem sido apontada como um santuário para propagadores de teorias da conspiração, produtores de desinformação e discurso de ódio” (Trujillo et al., 2020, p. 2). A referida disponibilização consta ainda, cite-se, “em publicações que conseguem fugir ao controlo dos referidos *social media giants*”. Aqui, acaba por, mais uma vez, acentuar-se a qualificação subjetiva já mencionada antes, considerando a tradução para português – ‘gigantes das redes sociais’. A palavra ‘censura’ repete-se: “Mais tarde, a censura parece ter ultrapassado as próprias redes sociais”. A razão está na empresa por detrás do domínio de alojamento *online* do sítio do America’s Frontline Doctors, do grupo de médicos e médicas que veio apresentar a hidroxiclороquina como uma potencial solução, ainda que cientificamente não verificada. Um parágrafo de conclusão considera a existência de uma versão do vídeo, que conta com a legendagem em língua portuguesa “do Brasil”, como estando “disponível no Twitter”, sucedendo-se o *tweet* em causa. Pegando nas redes sociais, passe-se à análise do Facebook e *posts* nas páginas respetivas.

Os artigos em análise fora da página respetiva

Concretizada a revisão dos artigos em si e porque analisar o discurso é também analisar o seu contexto, procure-se investigar o contexto de cada plataforma. Mais concretamente, o que escrevem sobre o tema em questão, o uso da hidroxiclороquina, além dos artigos analisados, e como são acolhidos estes nas páginas respetivas da rede social Facebook por quem as utiliza.

Digitando a palavra ‘hidroxiclороquina’ na barra de pesquisa do sítio de cada uma das plataformas, detetam-se diferentes perspetivas sobre a substância. Por um lado, a plataforma *Observador* sinaliza-a de um ponto de vista mais negativo, através de artigos noticiosos que dão conta, exemplificando, da descontinuação da mesma por parte da OMS no campo hospitalar (Agência Lusa, 2020) ou da sua retirada como medicação de urgência (Novais, 2020). Por outro lado, a plataforma *Notícias Viriato* sinaliza-a como ‘censurada’, através de artigos que dão conta, exemplificando, de um médico que aborda, cite-se diretamente, “a censura e o despedimento de uma médica premiada e adepta da hidroxiclороquina” (*Notícias Viriato*, 2020) ou da aprovação do uso da cloroquina pela Direção-Geral da Saúde, em que destacam um estudo de autoria francesa como prova do sucesso da hidroxiclороquina (Abreu, 2020b). Não é menos relevante ver esta associação da hidroxiclороquina à cloroquina, apresentando, contudo, diferenças, entre as quais a hidroxiclороquina ser um tipo de cloroquina (Stokkermans et al., 2021). Denota-se aqui que cada plataforma segue

¹⁴ Optou-se por utilizar a expressão ‘transmissão em direto’ ao invés da palavra original em inglês ‘livestream’.

uma determinada linha perspetiva orientadora num determinado sentido: uma mais condenadora e outra mais acusadora de censura em relação à substância supracitada. Feita esta verificação, proceda-se à consideração do âmbito externo, especificamente dos artigos partilhados nas redes sociais por ambas as plataformas informativas. Algumas diferenças sobressaem em relação às publicações a que se associam os artigos em análise, nas páginas da rede social Facebook respetivas. A página do *Observador*, jornal fundado em 2014, conta com mais de 809 mil gostos, ao passo que a página do *Notícias Viriato*, plataforma fundada em 2019, conta com mais de 20 mil. Reverte-se este cenário ao nível do impacto das publicações, que cada qual contém a ligação para o artigo respetivo, na rede social. A publicação do primeiro meio¹⁵ conta com 51 reações, 41 comentários e 13 partilhas. Já a publicação da segunda plataforma¹⁶ conta com 871 reações, 218 comentários e 482 partilhas. Destaca-se aqui uma diferença significativa entre o primeiro meio, de caráter jornalístico, e a segunda plataforma, de caráter não jornalístico, no caso da página Facebook.

Tomando em conta os dados do parágrafo antecedente, podem tirar-se algumas conclusões, com base nos apontamentos feitos na primeira secção. Sendo que os ‘gostos’, que podem ser vários tipos de reações, os comentários e as partilhas são funcionalidades potencialmente evidenciadoras de alguma legitimação das publicações nas quais são aplicadas, também se pode entender que há uma maior reticência no comentário do que nas reações por uma assunção de “maior risco para a face e para a reputação nessas interações” (Recuero, 2014, p. 121). O estudo de Oerdolf-Hirsch & Sundar (2015) aponta para as partilhas de conteúdo de sítios noticiosos no Facebook como reveladoras de interesse e envolvimento no assunto, pelo que levam a uma maior exploração do mesmo. Nos casos dos artigos alvo de análise, depreende-se que houve um maior impacto do artigo da plataforma *Notícias Viriato*, pois somou 1576 interações. Devem destacar-se as partilhas, 487, que sugerem discussão do assunto e contribuem para a reputação e valorização do conteúdo em causa (Recuero, 2014, p. 120), e os comentários, 218, que sugerem “um maior engajamento do ator com a conversação” (p. 121). Do ponto de vista das redes sociais, clarifica-se a força da publicação nas páginas respetivas da rede social Facebook de ambas as plataformas informativas, destacando-se a *Notícias Viriato*, pela maior incidência nas interações geradas.

Notas finais

Após uma abordagem que se entende pertinente para dar a conhecer o que se escreve sobre plataformas não jornalísticas produtoras de informação, veio a análise do discurso dos artigos supracitados. O que dizem os artigos? A remoção do vídeo de Stella Immanuel, que anuncia a hi-

droxicloroquina como eficaz, ao lado de um grupo de mais profissionais da área da Medicina, é o evento na base de cada artigo. Como uma plataforma jornalística tratou de o fazer e como uma plataforma informativa não jornalística tratou de o fazer? Esta foi a pergunta orientadora para este elemento. O caso do *Observador*, meio jornalístico, garantiu um enfoque na partilha por parte de Madonna, enquanto figura socialmente influente, como tendo partilhado “informações falsas” e sugerido a adoção de uma “teoria da conspiração”. Já o caso do *Notícias Viriato*, meio não jornalístico, garantiu um enfoque nas palavras de Stella Immanuel e na sua descoberta, chegando a apelidá-la de “guerreira”, e culpando as “Gigantes das Redes Sociais” ou as “Grandes Corporações Tecnológicas”. Denota-se aqui uma diferença clara na tónica dada a diferentes autoras em torno do evento. No caso do primeiro, é a autora de uma partilha do vídeo; no caso do segundo, é a autora das descobertas que surge no vídeo.

Prosseguindo com as conclusões ligadas ao processo analítico do discurso, as diferenças sobressaem-se também na linguagem. Se, por um lado, o *Notícias Viriato* recorre a qualificações, como já visto, o *Observador* rege-se mais pelo uso de uma linguagem escrita mais de acordo com os trâmites jornalísticos, menos subjetiva do que o *Notícias Viriato*, como se viu pelos exemplos de adjetivação enunciados ao longo da análise. Isto pode ter um impacto na forma como a pessoa leitora interage com o conteúdo, levando a uma perceção do artigo como promotor de um discurso com as palavras em causa. O próprio facto de a linguagem visual ser muito recorrente sobre o vídeo, no caso do *Notícias Viriato*, em que supracita o vídeo, adiciona-o ao artigo e ainda convoca o ficheiro completo e até legendado em português, deixa uma marca diferente daquela que deixa o *Observador*, já que este cita várias vezes a notificação da rede social Instagram, que aponta o vídeo como promotor de “informações falsas”.

Aquando da revisão concetual da secção intitulada de *Redes sociais, informação, comunicação e discurso*, em torno da questão das plataformas alternativas, há uma abordagem no sentido de este tipo de plataformas querer promover um discurso diferente. Constitui um propósito por parte de quem as gere as “filtração e censura da informação pelos monopólios de informação das empresas, monopólios estatais ou monopólios culturais na informação e comunicação públicas” (Fuchs, 2010, p. 176). Com a análise dos artigos, a plataforma *Notícias Viriato* sublinha esta ideia de censura por parte das empresas por detrás das redes sociais, com a retirada do vídeo. Além do próprio artigo estar situado no *website* numa secção denominada de ‘Censura’, vê-se o emprego deste termo conjugado enquanto verbo para referir a ação das mesmas empresas, bem como a oração “Mais tarde, a censura parece ter ultrapassado as próprias redes sociais (...)”. Comprova-se, assim, a perspetiva de que este tipo de plataformas alternativas se enquadra, a este nível, na tipologia de plataformas alternativas.

A questão das fontes de informação e de contextos mais externos aos artigos também foi alvo de abordagem na secção anterior. A plataforma *Observador* cita a *BBC*, outro meio jornalístico, ao passo que a plataforma *Notícias Viriato* cita a *Breitbart News*, que tem vindo a mostrar-se adotante daquilo que considera as suas próprias práticas jornalísticas, como se viu previamente, em jeito de oposição (Holt, 2018; Holt et al., 2019). Mesmo o recurso ao BitChu-

¹⁵ Publicação consultada a 27 de setembro de 2020 e disponível em: <https://www.facebook.com/ObservadorOnTime/posts/1803034176527915>

¹⁶ Publicação consultada a 27 de setembro de 2020 e disponível em: <https://www.facebook.com/noticiasviriato/posts/929622417512139>

te, uma plataforma alternativa ao YouTube, também reforça esta ideia opositora. Externamente ao artigo, graças a uma pesquisa nos sítios respetivos, viu-se que uma plataforma dispõe de, no seu discurso jornalístico, notícias que demonstram reticência quanto à adoção da hidroxiquina, seguindo as entidades de saúde, e que outra dispõe de, no seu discurso alternativo, artigos que demonstram reticência quanto à recusa da adoção da mesma substância, contrariando as mesmas entidades. Foi igualmente verificável o impacto que o artigo contido na publicação do Facebook da plataforma *Notícias Viriato* foi maior em termos interativos do que aquele que estava contido na publicação da mesma rede social da plataforma *Observador*. Com estas notas finais em torno da análise, ligando-as às noções apresentadas previamente, pretende-se definir a plataforma *Notícias Viriato* como uma plataforma alternativa. Se é uma plataforma que recusa as lógicas de linguagem e discurso dos média tradicionais (Holt et al., 2019), bem como a lógica dos “formatos capitalistas dominantes de produção, estrutura dos média, distribuição e receção” (Fuchs, 2010), relembrando a nomeação da ERC como “publicação periódica”, pode, com isto, inserir-se aqui a *Notícias Viriato*. No que toca à ideia de radicalização e hiperpartidarização políticas analisadas na segunda secção do presente artigo, entende-se que, muito embora a plataforma não adote uma facção político-partidária, há uma inclinação para a resistência da lógica de meios de imprensa mais dominantes, como o próprio caso do *Observador*, o que pode levar à adoção de determinados pensamentos por parte da pessoa leitora, até porque qualquer discurso tem implícita uma ideologia, ainda que, sublinhe-se, de modo implícito (van Dijk, 2005). Reforce-se, contudo, que não é objetivo deste trabalho associar a plataforma a uma dada conotação política, apenas afirmá-la como alternativa por se distinguir de uma plataforma tipicamente jornalística e por contrariar a lógica desta última, incorrendo na promoção e perceção de diferentes visões por parte de quem consome a informação em causa. Tendo-se optado por realizar um estudo exploratório para este trabalho, convém mencionar que não se procura fazer generalizações, mas, sim, oferecer perspetivas.

Para terminar, recorde-se o caso da morte de António Ribeiro Telles, noticiada pelo *Observador*, em que uma fonte de informação terá dado a informação do falecimento do arquiteto, o que gerou uma nova notícia de esclarecimento acompanhada de um pedido de desculpas, uma vez que essa informação estava errada (Pinheiro, 2020). Seguiram-se outros meios jornalísticos que citaram a notícia errada e que foram também afetados pelo mesmo problema, do erro na transmissão de informação (e. g., Dinheiro Vivo, 2020). Neste caso, mostra-se que, pesando o estudo das plataformas alternativas e das suas formas diferenciadoras de fazer e oferecer informação, como forma de se combater potenciais perigos, como a indução em erro em determinadas matérias, tal deve ser feito igualmente em plataformas jornalísticas por se assistir a casos de desinformação, ou seja, de “conteúdo representacional que é falso, bem como ao conteúdo representacional que é verdadeiro” (Fallis, 2015, p. 406), também nelas. Através do estudo da informação, das mensagens e dos contextos de qualquer meio, é possível entender melhor o discurso como fenómeno comunicativo no panorama societal.

Referências bibliográficas

- ABREU, A. (2020a, 29 de julho). Grandes Corporações Tecnológicas censuram vídeo de médicos da linha da frente no combate à Covid-19. **Notícias Viriato**. <https://www.noticiasviriato.pt/grandes-corporacoes-tecnologicas-censuram-video-de-medicos-da-linha-da-frente-no-combate-a-covid-19/>
- ABREU, A. (2020b, 27 de março). Cloroquina: o medicamento anti-malária eficaz contra o Coronavírus foi aprovado pela DGS. **Notícias Viriato**. <https://www.noticiasviriato.pt/a-cloroquina-o-medicamento-anti-malaria-eficaz-contra-o-coronavirus-foi-aprovado-pela-dgs/>
- AGÊNCIA LUSA (2020, 4 de julho). Covid-19. OMS vai descontinuar uso de hidroxicloroquina em doentes hospitalizados. **Observador**. <https://observador.pt/2020/07/04/covid-19-oms-vai-descontinuar-uso-de-hidroxicloroquina-em-doentes-hospitalizados/>
- ALVES, A. (2008). Comunicação e intencionalidade. In MARTINS, M. L. & PINTO, M. (Eds.), **Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação** (pp. 1140-1148). CECS. <http://hdl.handle.net/1822/65160>
- BUENO, T. & REINO, L. S. A. (2020). O que muda e o que permanece na estrutura dos títulos de jornais na Internet? **Comunicologia**, 12(2), 105-122. <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/10844/6816>
- CANAVILHAS, J. (2006). Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **BOCC**, 1-16. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>
- CASTELLS, M. (2000). **A era da informação: Economia, sociedade e cultura: A sociedade em rede**. (Vol. 1). Paz e Terra.
- CAVALCANTI, A. B., ZAMPIERI, F. G., ROSA, R. G., AZEVEDO, L. C. P., VEIGA, V. C., AVEZUM, A., DAMIANI, L. P., MARCADENTI, A., KAWANO-DOURADO, L., LISBOA, T., JUNQUEIRA, D. L. M., BARROS E SILVA, P. G. M., TRAMUJAS, L., ABREU-SILVA, E. O., LARANJEIRA, L. N., SOARES, A. T., ECHENIQUE, L. S., PEREIRA, A. J., FREITAS, ... BERWANGER, O. (2020). Hydroxychloroquine with or without Azithromycin in **Mild-to-Moderate Covid-19**. *The New England Journal of Medicine*, 383, 2041-2052. <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2019014>
- CONDE, M. G. (2018). A estrutura da notícia na mídia digital: uma análise comparativa entre o webjornal e o aplicativo para iPad de El País. In J. CANAVILHAS (Ed.), **Notícias e mobilidade - Jornalismo na era dos dispositivos móveis** (pp. 99-120). http://labcom.ubi.pt/ficheiros/20130404-201301_joacanavilha_noticias-mobilidade.pdf
- DINHEIRO VIVO (2020, 25 de maio). Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles não morreu. **Dinheiro Vivo**. <https://www.dinheirovivo.pt/geral/arquitecto-goncalo-ribeiro-telles-nao-morreu/>
- FALLIS, D. (2015). What Is Disinformation? **Library Trends**, 63(3), 401-426. <https://doi.org/10.1353/lib.2015.0014>
- FERRUCCI, P. (2018). Networked - Social media's impact on news production in digital newsrooms. **Newspaper Research Journal**, 39(1), 6-17. <https://doi.org/10.1177/0739532918761069>
- FONTECUBERTA, M. (2003). **A notícia - pistas para compreender o mundo**. Casa das Letras.
- FUCHS, C. (2010). Alternative media as critical media. **European Journal of Social Theory**, 13(2), 173-192. <https://doi.org/10.1177/1368431010362294>
- HEFT, A., MAYERHÖFFER, E., REINHARDT, S., & KNÜPFER, C. (2019). Beyond Breitbart: Comparing right-wing digital news infrastructures in six western democracies. **Policy & Internet**, 12(1), 20-45. <https://doi.org/10.1002/poi.3.219>
- HOLT, K. (2018). Alternative media and the notion of anti-systemness: Towards an analytical framework. **Media and Communication**, 6(4), 49-57. <https://doi.org/10.17645/mac.v6i4.1467>
- HOLT, K., FIGENSCHOU, T. U. & FRISCHLICH, L. (2019). Key dimensions of alternative news media. **Digital Journalism**, 7(7), 860-869. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1625715>
- LOPES, D. (2020, 29 de julho). Depois de Trump, Madonna: Instagram censura post da cantora por divulgar "informações falsas" sobre a Covid-19. **Observador**. <https://observador.pt/2020/07/29/depois-de-trump-madonna-instagram-censura-post-da-cantora-por-divulgar-informacoes-falsas-sobre-a-covid-19/>
- MANUCCI, L. (2017). Populism and the media. In C. R. KALTWASSER, P. TAGGART, P. O. ESPEJO & P. OSTIGUY (Eds.), **The Oxford Handbook of Populism** (pp. 591-617). Oxford University Press.
- NOTÍCIAS VIRIATO (2020, 30 de julho). Brasil de facto: as falácias do Covid no Brasil e o escândalo do "Covidão". **Notícias Viriato**. <https://www.noticiasviriato.pt/brasil-de-facto-as-falacias-do-covid-no-brasil-e-o-escandalo-do-covidao/>
- NOVAIS, V. (2020, 16 de junho). Agência norte-americana do medicamento revoga autorização especial à hidroxicloroquina. **Observador**. <https://observador.pt/2020/06/16/agencia-norte-americana-do-medicamento-revoga-autorizacao-especial-a-hidroxicloroquina/>
- OBSERVADOR (2020, 4 de junho). Revista The Lancet retira artigo com estudo polémico sobre hidroxicloroquina. **Observador**. <https://observador.pt/2020/06/04/revista-the-lancet-retira-artigo-polemico-sobre-hidroxicloroquina/>

- OELDORF-HIRSCH, A. & SUNDAR, S. S. (2015). Posting, commenting, and tagging: Effects of sharing news stories on Facebook. **Computers in Human Behavior**, 44, 240–249. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.11.024>
- PINHEIRO, M. (2020, 25 de maio). Gonçalo Ribeiro Telles não morreu. **Observador**. <https://observador.pt/2020/05/25/goncalo-ribeiro-telles-nao-morreu/>
- PINTO-COELHO, Z. (2008). Discurso jornalístico e a construção da juventude. In M. L. MARTINS & M. PINTO (Eds.), **Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação** (pp. 1171–1183). CECS. <http://hdl.handle.net/1822/37224>
- RECUERO, R. (2014). Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, 28(68), 114–124. <https://doi.org/10.4013/ver.2014.28.68.06>
- SANTAELLA, L. (2007). As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **MATRIZES**, 1(1), 75–97. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i1p75-97>
- SAVAGE, M. (2020, 29 de julho). Madonna’s Instagram account flagged for spreading misinformation. **BBC News**. <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-53579039>
- SILVA, B. (2000). O âmago da comunicação educativa. **Cadernos do Noroeste, Comunicação e Sociedade** 2, 14(1-2), 689–710. [https://doi.org/10.17231/com-soc.2\(2000\).1430](https://doi.org/10.17231/com-soc.2(2000).1430)
- SOUSA, V. de, COSTA, P. R., CAPOANO, E. & PAGANOTTI, I. (2020). Riscos, dilemas e oportunidades: atuação jornalística em tempos de Covid-19. **Estudos de Comunicação**, 31, 1–33. <https://doi.org/10.25768/20.04.03.31.01>
- STOKKERMANS, T. J., GOYAL, A., BANSAL, P. & TRICHONAS, G. (2021). Chloroquine and hydroxychloroquine toxicity. **StatPearls [Internet]**, 1–18. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK537086/>
- THAYER, L. (1979). **Comunicação, Fundamentos e Sistemas**. Atlas.
- THE UNITED NATIONS DEPARTMENT OF GLOBAL COMMUNICATIONS (2020, 31 de Março). UN tackles ‘infodemic’ of misinformation and cybercrime in COVID-19 crisis. **UN**. <https://www.un.org/en/un-coronavirus-communications-team/un-tackling-%E2%80%98infodemic%E2%80%99-misinformation-and-cybercrime-covid-19>
- TRUJILLO, M., GRUPPI, M., BUNTAIN, C. & HOME, B. D. (2020). What is BitChute? Characterizing the “Free Speech” alternative to YouTube. **arXiv**. <https://arxiv.org/abs/2004.01984>
- VAN DIJK, T. A. (1988). **News Analysis. Case studies of international and national news in the press**. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- VAN DIJK, T. A. (2005). Discurso, notícia e ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso. **Campo das Letras**. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/192
- VERMELHO, S. C., VELHO, A. P. M. & VALDECIR, B. (2015). Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educação e Pesquisa**, 41(4), 863–881. <https://doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>
- WEARESOCIAL (2021). **Digital 2021**. <https://wearesocial.com/digital-2021>
- WELBERS, K. & OPGENHAFFEN, M. (2018). Presenting news on social media. Media logic in the communication style of newspapers on Facebook. **Digital Journalism**, 7(1), 46–42. <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1493939>
- WHO (2020). Q&A: Hydroxychloroquine and COVID-19. **WHO**. <https://www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-hydroxychloroquine-and-covid-19>